

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

BRUNO DE FRANÇA CORREIA

**O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO POPULAR: construção da
formação nos relatos docentes**

Guarulhos

2021

BRUNO DE FRANÇA CORREIA

O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO POPULAR: construção da
formação nos relatos docentes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do grau em Licenciado em
História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Samira Adel
Osman.

Guarulhos

2021

Correia, Bruno de França.

O ensino de história na educação popular: construção da formação nos relatos docentes / Bruno de França Correia - Guarulhos, 2021.

40 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em História) - Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 2021.

Orientadora: Samira Adel Osman

Título em inglês: The teaching of history in popular education: formation construction in teaching reports.

1. Educação 2. História 3. Educação Popular I Adel Osman, Samira. II. Título. Na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei de direitos autorais nº 9610/98, autorizo a publicação livre e gratuita desse trabalho no Repositório Institucional da UNIFESP ou em outro meio eletrônico da instituição, sem qualquer ressarcimento dos direitos autorais para leitura, impressão e/ou download em meio eletrônico para fins de divulgação intelectual, desde que citada a fonte.

BRUNO DE FRANÇA CORREIA

O ENSINO DE HISTÓRIA NA EDUCAÇÃO POPULAR: construção da
formação nos relatos docentes

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal de
São Paulo como requisito parcial para
obtenção do grau em Licenciado em
História.

Aprovado em: 13 de agosto de 2021

Prof^ª Dr^a Ana Lúcia Lana Nemi

Unifesp

Prof Dr Antônio Simplicio de Almeida Neto

Unifesp

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, colegas de faculdade, professores e professoras que me acompanharam nessa jornada. É o primeiro passo de uma longa estrada, mas não sairei dela jamais. Agradeço à família da Profa Leila Regina de Souza, que permitiram que um projeto tão bonito pudesse existir e transformar a vida de tantas pessoas, a minha inclusa. Agradeço à minha orientadora Prof^a Dr^a Samira Adel Osman pela confiança e parceria.

RESUMO

O movimento de cursinhos populares no Brasil cresceu exponencialmente no século XXI, aliado às pautas progressistas e buscando fomentar o interesse dos jovens e adultos no ensino superior público e privado, sendo este primeiro o maior foco. Esses movimentos construíram ao longo dos anos uma base sólida de construção cidadã nos grupos socialmente e economicamente excluídos. Muitos dos atuantes nesses projetos são alunos e alunas de licenciatura em diversas graduações: história, matemática, letras, ciências e afins, mostrando que parte dos profissionais da educação no Brasil teve contato com a educação popular antes de ingressar na vida profissional em escolas de educação básica. O presente texto tem como finalidade analisar as experiências dos professores e professoras de História que tiveram contato com a educação popular e também como as experiências na educação popular puderam contribuir para o desenvolvimento das formações docentes no campo da história.

Palavras- chaves: educação, popular, formação, docentes de história.

ABSTRACT

The movement of popular courses in Brazil has grown exponentially in the 21st century, allied to progressive agendas and seeking to foster the interest of young people and adults in public and private higher education, this first being the main focus. These movements have built over the years a solid basis for building citizenship among socially and economically excluded groups. Many of those involved in these projects are undergraduate students at various degrees: history, mathematics, letters, science and the like, showing that part of education professionals in Brazil had contact with popular education before entering professional life in schools of basic education. This text aims to analyze the experiences of History teachers who had contact with popular education and also how the experiences in popular education could contribute to the development of teaching formation in the field of history.

Keywords: Education, popular, formation, history teachers.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 Educação popular	15
1.1 Educação popular pré-vestibular	17
1.2 Os professores na educação popular pré-vestibular	20
2 O professor de História na educação popular	22
2.1 Entrevista 1	23
2.2 Entrevista 2	27
2.3 Identidade popular	28
2.4 Práticas na educação básica, o legado popular	33
Considerações finais	36
REFERÊNCIAS	37
ANEXO	39

INTRODUÇÃO

A décadas a educação do Brasil vem sendo alvo de constante estudo, suas relações e seus desafios são terreno fértil para iniciativas sociais que surgiram para combater os dados que serão apresentados. De acordo com pesquisa recente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), apenas nove, dos 26 estados mais o Distrito Federal, alcançaram nota igual ou superior a 4,0 na avaliação anual do desempenho dos discentes do Ensino Médio, desde 2005. Isso demonstra a estagnação do desempenho escolar brasileiro por doze anos.

Na segunda metade do século XX, as diferenças de crescimento de matrículas universitárias entre o setor privado e o público eram opulentas, sendo o crescimento do setor privado, muitas vezes o dobro do público¹. No século XXI, as matrículas do setor privado continuaram estáveis nos primeiros anos, e infelizmente, não houve aumento da demanda em busca do ensino superior na sociedade brasileira e sim uma desaceleração das matrículas². A não elevação de índices de desenvolvimento se tornou frequente e naturalizada.

Para combater isso, na segunda metade dos anos 1980 surge um movimento pela construção de projetos sociais dos chamados “pré-vestibulares populares” (PVP)³. Os PVP’s representam um grande movimento popular que busca reduzir a desigualdade social e educacional brasileira. Essas ações são oportunidades de retomada de estudos e complemento da educação defasada porém, evidentemente, não suprem as lacunas de conhecimento que, ao longo da formação do educando, são acumuladas.

O atendimento é dado aos grupos e frações minoritárias e excluídas socialmente do acesso ao ensino superior e aos egressos de escola pública; sua maioria cobra uma taxa anual ou mensal que varia de 5% a 10% do salário mínimo para manutenção do projeto; o projeto político e pedagógico não tem apenas a preparação para o vestibular como foco e sim o empoderamento cidadão e cultural; a metodologia varia de projeto para projeto, podendo ser apostilada ou por módulos; o corpo docente e administrativo é composto por voluntários;

¹ SAMPAIO, H. (2000) *Ensino superior no Brasil – o setor privado*. São Paulo: Fapesp/Hucitec. p. 3

² _____ (2011) *Setor privado no ensino superior no Brasil: o que mudou no século XXI*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 35º Encontro Annual da ANPOCS, Caxambu/MG. p. 5

³ ZAGO, N. *Perspectiva*. UFSC. 2008. p. 6

majoritariamente não têm sedes próprias e funcionam em escolas, faculdades, igrejas, associações e afins; o número de vagas não é fixo e varia conforme demanda e experiências.⁴

A conscientização e o engajamento popular são combustíveis para transformações sociais, o princípio de participação popular oferece a compreensão da realidade, abre campos de ação concreta e é fonte de inspiração no processo de reinvenção do mundo. É uma perspectiva da educação que tem como ponto primordial a realidade social e que tem como objetivo a crença de que um outro mundo é possível, uma iniciativa que busca novas formas de participação social para que neste processo se alcance uma sociedade mais justa.⁵

Os protagonistas desses movimentos são educadores e educandos, que ao longo da jornada nos projetos de educação popular, recuperam narrativas e a própria memória. Nesses espaços o educador não é visto somente como transmissor do conhecimento e o aluno(a), não é apenas um receptor. A troca de informações e vivências são evidenciadas e valorizadas por ambos.⁶ Docentes esses que majoritariamente são estudantes de licenciatura de diversas áreas de universidades públicas e privadas que em busca de edificar os estudos e a capacitação acadêmica de forma democrática, se uniram para a construção desses projetos.

Esse é o caso do Cursinho Popular Professora Leila Regina, localizado no bairro do Itaim Paulista, extremo leste da cidade de São Paulo. O projeto homenageia a professora de 2 voluntários fundadores do cursinho, a professora Leila Regina, psicóloga de formação, professora de filosofia da Escola Técnica Estadual da Zona Leste (ETEC da Zona Leste). O projeto segue o caminho da construção de iniciativas que visam à ampliação dos acessos ao ensino superior, sendo este projeto sediado na Zona Leste de São Paulo.

O cursinho tem sede na EMEF Ceu Vila Curuçá, uma escola pública do município de São Paulo localizada no bairro do Itaim Paulista, Zona Leste da cidade. Até 2020 o cursinho atendeu mais de 900 jovens e adultos da região e contou com o apoio de mais de 56 colaboradores voluntários. As aulas acontecem aos sábados das 8h às 17h e em decorrência da

⁴ ZAGO, N. *Perspectiva*. UFSC. 2008. p. 6

⁵ PEREIRA, D. F. F., PEREIRA, E. T. Revisitando a História da Educação Popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível. Revista HISTEDBR On Line. Campinas. p. 72-89. dez, 2010. p. 8

⁶ Idem.

pandemia do novo coronavírus, o projeto adotou reuniões online para realizar as aulas que continuam nos mesmos horários.

Sobre a Zona Leste, seguem alguns dados tabulados com base em notas oficiais da Prefeitura do Município de São Paulo em 2017. Na zona leste de São Paulo, que compreende as subprefeituras de Aricanduva, Cidade Tiradentes, Ermelino Matarazzo, Guaianases, Itaim Paulista, Itaquera, Mooca, Penha, São Mateus, São Miguel, Sapopemba, Vila Guilherme e Vila Prudente, juntas somam pouco mais que 4 milhões de habitantes. O Leila Regina atua principalmente nas subprefeituras do extremo leste da cidade, são elas: Ermelino Matarazzo, Itaim Paulista, São Mateus e São Miguel, que juntas representam 32% da população da Zona Leste de São Paulo.⁷

Com propostas de transformações sociais e preocupados com o cenário educacional brasileiro, os voluntários do projeto se esforçam para a construção de um ambiente em que, aluno e professor, possam se desenvolver. O projeto busca inspirar alunos de escolas públicas a transformarem a escola onde estudam por meio de ações conjuntas aos professores e equipe gestora.

No âmbito social, o Leila promove eventos e palestras direcionadas à comunidade da escola em que funciona. Como vanguardistas de movimentos educacionais no bairro, o projeto busca ter em seu time, percentuais representativos entre homens, mulheres, negros, homossexuais e transexuais a fim de apresentar aos estudantes e à comunidade, uma equipe diversa e que os represente. Cerca de 80% de seus voluntários estão matriculados em universidades públicas e privadas e enxergam no projeto uma oportunidade de aprimoramento docente e também de construção social e educacional com a comunidade.

Como forma de entrar em sala de aula pela primeira vez, muitos voluntários têm seu primeiro contato com a docência em projetos de cursinhos populares. Não são todos que vão seguir carreira docente, mas os que seguem levam os aprendizados do projeto como primordiais para a sua vida enquanto profissional. Este trabalho nasce das dúvidas e inquietudes como fundador de um cursinho popular e como estudante de licenciatura em História em entender como um cursinho popular pode contribuir para a formação docente.

⁷ Prefeitura de São Paulo. *Dados demográficos dos distritos pertencentes às Prefeituras Regionais.*

Com a ascensão de movimentos populares pela democratização da educação no século XXI no Brasil, haja vista os dados supracitados, é de enorme importância que possamos analisar e pautar a influência desses movimentos na educação básica. Neste texto, especificamente, preocupa-nos a influência dos cursinhos populares na construção da formação do docente de História; para que então possamos entender e revelar a história que é ensinada, discutida e construída em sala de aula, por nós, populares, para nós, populares.

Para chegar a esse objetivo, escolheu-se trabalhar com os relatos orais dos professores e professoras que tiveram ou não contato com a educação popular durante seu período de formação docente. A história oral de vida foi escolhida para que possamos analisar não só a influência da educação popular dentro de sala de aula como também evidenciar a importância da educação e do engajamento popular na construção do cidadão. Na intenção de ampliar as informações que analisarei, não me limitarei ao assunto estrito da pesquisa durante as entrevistas, mas também procurarei discutir os aspectos gerais da vida do entrevistado onde o assunto da pesquisa estará necessariamente em pauta.⁸

A primeira entrevista foi gravada em aparelho de gravação amador, antes da pandemia do novo coronavírus. A segunda entrevista foi gravada de forma remota por aplicativos de comunicação virtual. Com o objetivo de que a entrevista tenha o ritmo ditado pelos entrevistados e entrevistadas, as primeiras perguntas seguirão o mesmo escopo para todos e serão divididas em 3 etapas, sendo elas:

- JORNADA EDUCACIONAL: onde estudou, região, organização familiar, onde realizou a graduação, incentivos recebidos e motivações profissionais.
- O QUE SABE SOBRE EDUCAÇÃO POPULAR: se já ouviu falar, se já fez parte, o que acha que é e como funciona.
- VIDA PROFISSIONAL: de que forma procura abordar assuntos cotidianos em sala de aula, de que forma busca compreender com os estudantes a comunidade escolar e como trabalha a relação entre estudante e professor na sala de aula.

⁸ MEIHY, J. C. S. B. (Re) Introduzindo a história oral no Brasil. São Paulo. Xamã, 1996. p. 68-79.

A partir dessas etapas seguirão perguntas específicas e que dependerão das experiências de vida dos professores e professoras.

Como afirma Márcia D'Alessio,

“História e memória têm algo em comum: ambos os termos carregam um duplo significado; história quer dizer, ao mesmo tempo, a experiência coletiva dos homens e a elaboração intelectual sobre ela; memória significa o registro e armazenamento, mas também evocação do que foi registrado e armazenado (ver Le Goff, 1984). A advertência é necessária. Ela nos possibilita trabalhar melhor com os dois fenômenos que, além da duplicidade de significados, aparecem indistintamente entrelaçados nos discursos do cotidiano.” (D’ALESSIO, 2001, p. 60)

Utilizar da história oral com historiadores é um enorme desafio, os seus resultados podem ser ambíguos por natureza, o que falarão será memória ou história-conhecimento? A partir desse questionamento, revelado por D'Alessio, também irei analisar e buscar entender os discursos apresentados pelos docentes, assim como fazer razão ao papel de interlocutor. A exposição da atividade oral de um tema que retira o autor do isolamento da escrita, ainda que em silêncio, o interlocutor é uma escuta; o pesquisador “voyeur” pretende aqui conhecer verdades, mas também sondar emoções.⁹

Os passos após a realização da entrevista serão três: transcrição, textualização e transcrição. Transcrição é o processo de escrita de toda a entrevista, serão registrados tudo aquilo que o gravador captar, os erros de concordância, os barulhos externos, os suspiros, as pausas, o tempo de resposta, tudo aquilo que, de alguma forma pode contribuir para a construção da análise, inclusive as perguntas do entrevistador. A textualização é o processo de correção da transcrição, onde iremos analisar os trechos já corrigidos e sem as perguntas do entrevistador.¹⁰

A transcrição é o momento onde o entrevistador tem papel direto na análise da entrevista e busca trazer da forma mais fidedigna possível o contexto das entrevistas, assim como deslocá-las para a construção do discurso buscado. Desta forma, após as entrevistas, buscaremos por meio da seleção de trechos chegar aos objetivos deste projeto, de evidenciar e

⁹ D’ALESSIO, M. M. Memória e Historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação. II Encontro Regional Sul de História Oral. São Leopoldo/RS. maio, 2001. p.11

¹⁰ MEYHI, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5ª ed.SP: Loyola, 2005. p. 20

analisar as influências das experiências em projetos de educação popular na construção da formação do docente de história.

Este texto é composto por dois capítulos, sendo o primeiro, Educação Popular, dedicado a entender a educação popular no contexto pré-vestibular no Estado de São Paulo e também compreender as influências da educação popular na vida de docentes e discentes. O segundo capítulo, O professor de História na educação popular, busca entender a chegada dos entrevistados a esses espaços e como sua prática dentro do contexto da educação popular alteraram ou não, sua trajetória na educação básica.

1 Capítulo 1: Educação popular

A educação popular no Brasil tem nome. Quando pensamos nesse conceito lembramos do patrono da educação brasileira, Paulo Freire. É sabido que dentro dos requisitos para uma educação popular, outros movimentos e passagens históricas brasileiras poderiam carregar a origem do movimento, já que a lógica dessa ideia é a de que qualquer educação voltada para o povo pode ser considerada popular.¹¹

Paulo Reglus Neves Freire foi um intelectual brasileiro e é considerado um dos maiores pensadores da história da educação mundial. Carrega o título de Patrono da Educação Brasileira e durante sua vida escreveu inúmeras obras de importante significado para a educação do Brasil como: *Pedagogia do Oprimido* e *Educação como prática da liberdade*.¹²

No início do século XX as escolas formais começaram um processo concreto de formalização do conhecimento. Ao passo que os grandes empresários enxergavam a formação cidadã como possibilidade de lucro, angariando profissionais melhores capacitados, houve um grande movimento entre trabalhadores e educadores para que o Estado se responsabilizasse pela garantia do direito à educação formal a todos. A educação então tinha um objetivo claro: corresponder às demandas empresariais e a manutenção da ordem social.

A educação popular traz outro horizonte, uma abordagem que faça com que o sujeito não se sinta apenas como um anônimo presente na cultura, mas que se sinta um agente de transformação da história e cultura de seu país.¹³ É necessário, ao fazer, a participação ativa do educando e uma presença assessora do educador para que não se reproduza o comportamento bancário de depositar um projeto próprio dos educadores ao estudante, sem diálogo, sem crítica. É aqui que segundo Freire, a educação popular deve, em primeira instância, reescrever a prática pedagógica levando em consideração o contexto político e social no processo de aprendizagem. E de forma autoexplicativa, essa abordagem deve ser construída de forma coletiva e democrática, com a intenção de transformar a educação em um

¹¹ GADOTTI, M. Preparacion de la vi conferencia mundial de ica: educación popular comunitaria: Notas para um debate. 1991. p. 13

¹² ROCHA, D. Paulo Freire é declarado o patrono da educação brasileira. MEC. 2020.

¹³ BRANDAO, C. R. (1986). *Educação Popular*. 3ª ed. SP, Brasiliense. p. 21

instrumento de melhoria para a qualidade de vida do cidadão e de seu papel enquanto agente social.¹⁴

Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1970), deixa claro, logo nas primeiras páginas da obra, em sua dedicatória, que devemos pensar, na luta do oprimido em horizonte maior, não apenas discutindo o oprimido, mas também com os não-oprimidos que com os oprimidos sofrem e mais do que isso, com o que “com eles lutam”. Assim, os educadores sociais são também esses que, mesmo não sendo oprimidos necessariamente, lutam ao lado daqueles que são.¹⁵

Os populares produzem conhecimentos ligados às suas experiências de vida e seus contextos sociais, a educação popular utiliza, valoriza e problematiza esses saberes a fim de aproximar de forma explícita os conhecimentos populares aos formais. É na troca de experiências que são compartilhadas informações, críticas, ações, situações e aprendizagens. É nesse caldeirão que nasce e é construído o saber. Não é uma atividade pedagógica para algo ou alguém, é em si um trabalho coletivo que cria a experiência de articulação dos saberes eruditos aos populares e vice-versa.¹⁶

A educação popular ultrapassa as fronteiras da escola, há por outro lado, abordagens conservadoras que levaram o nome da educação popular, social ou comunitária. É o exemplo do Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), que esteve ativo entre os anos de 1967 e 1985, e foi fundado durante o regime militar, utilizava o que chamavam de “Método Paulo Freire”. O próprio Freire estranhava a utilização do nome, mas tentou participar de forma ativa do programa, pouco antes da extinção; patrono da educação chegou a discutir com os membros do programa sobre a pedagogia emancipadora e reafirmou o papel de educação como um ato contraditório em si, e nós como educadores, temos o papel de inferir significado à essas contradições e transformá-las em realidade histórica.¹⁷

¹⁴ GADOTTI, M. Preparacion de la vi conferencia mundial de ica: educação popular comunitária: Notas para um debate. 1991. p. 17

¹⁵ Idem.

¹⁶ BRANDAO, C. R. (1986). *Educação Popular*. 3ª ed. SP, Brasiliense. p. 22.

¹⁷ GADOTTI, M. Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. *Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária*. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, n.1, dez, 2021. p. 4

São nos escritos de Freire que enxergamos a educação popular como uma forma de prática para a liberdade, uma lente que faz com que enxerguemos a educação tradicional e suas lógicas como passíveis de transformação. Essa abordagem nasce como forma de repensar e reescrever o processo pedagógico do ato de ensinar-e-aprender para que haja sentido e repensemos o sentido político da educação.

A chave para essa transformação é um processo longo de discussão e fazeres onde as classes populares se educam e se instruem com sua própria prática e dessa experiência é que surge uma proposta de popularidade da educação, não por que é direcionada a operários e cidadãos que são excluídos da escola formal a princípio, mas por que ela é porta de ensino orgânica que depende exclusivamente do saber popular, de uma educação de classe.¹⁸

1.1 Educação popular pré-vestibular

Como supracitado, a educação popular tem evidente existência durante o período do regime civil-militar brasileiro (1964-1985), a construção e ascensão das lutas dos movimentos sociais é fundamental para a compreensão histórica da educação popular no Brasil. Os Pré-Vestibulares Populares (PVP), são movimentos que iniciam na segunda metade da década de 1980 e que vão se consolidar como instituições até a década de 1990. A ideia final desses projetos é a democratização do acesso ao ensino superior por meio da coletividade e ação popular. São projetos que contam com a iniciativa de estudantes de graduação, pós-graduação e também formados.

Mas o trabalho não se limita apenas à preparação dos jovens e adultos para as provas de vestibulares brasileiros como o ENEM. Sua nomenclatura “popular” pode ser entendida em duas facetas: a primeira enquanto espaço gratuito ou de fácil acesso social e a segunda enquanto instituições que têm ações espelhadas nas práticas pedagógicas da Educação Popular discutidas por Paulo Freire.

A busca pelo ensino superior, sua interminável burocratização e muralhas são partes de uma sociedade desigual. Um fenômeno neoliberal que oblitera a esperança. Essa visão do popular das décadas de 1980 e 1990, não vista mais nos anos atuais, é uma visão de mundo

¹⁸ BRANDAO, C. R. (1986). Educação Popular. 3ª ed. SP, Brasiliense. p. 22.

que deve e está sendo questionada nos PVP's contemporâneos a este texto, buscando a ruptura imediata do pensamento perverso e que por muitas vezes, como já havia alertado Freire, estagna a luta pela educação.

A ideologia fatalista, imobilizante, que anima o discurso neoliberal, anda solta no mundo. Com ares de pós-modernidade, insiste em convencer-nos de que nada podemos contra a realidade social, que de histórica e cultural, passa a ser ou virar “quase natural”. Frases como “a realidade é assim mesmo, o que podemos fazer?” ou “o desemprego no mundo é uma fatalidade do fim do século” expressam bem o fatalismo desta ideologia e sua indiscutível vontade imobilizadora (FREIRE, 1996, p. 21-22)

Cabe então aos que conseguiram ultrapassar os muros do ensino superior aceitar a realidade e por meio da omissão permitir a concretização dessa política ou então fomentar a existência desses movimentos e espaços semelhantes para a articulação social de questionamentos como a instituição do vestibular e muitas outras práticas que afastam o povo dos campi universitários.¹⁹ A descrença na atividade popular e sua relevância é manter a invisibilidade ao tema e não discutir uma ferramenta que se fez e se faz necessária para o desenvolvimento social de jovens e adultos e das classes populares do país, para além das escolas e universidades. São espaços de construção cidadã e consciência das razões pelas quais a escola e a educação superior brasileira existem.

É comum que os PVPs mantenham relações próximas a outros movimentos sociais como o movimento estudantil, movimento negro, a luta pela igualdade de gênero e o enfrentamento às práticas de discriminação LGBTQIAP+. Dado o exemplo anterior, o Cursinho Popular Professora Leila Regina, procura manter, em seu corpo docente, voluntários que possam contribuir para essas discussões e incentivar espaços de troca. Há inúmeras ações que os PVPs fazem para aproximar os jovens e adultos que procuram os cursos com o único pensamento de passar no vestibular e a partir da entrada nesses projetos começam a abrir outras portas de participação social.²⁰

¹⁹ COSTA, R. A. A Educação Popular em contexto pré-vestibular uma vez mais em debate: há alternativa. XVI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Santa Maria. 2015. p.8

²⁰ Idem p. 10

É também trabalhado de forma muito séria que os conteúdos passados pelos voluntários dos PVP's não sejam de natureza estritamente funcional, “passar no vestibular”. É necessária uma abordagem crítica, para que os estudantes entendam os porquês de estarem aprendendo o conteúdo explanado. É aqui que a abordagem do “Ser Mais” defendida por Freire em Pedagogia do Oprimido é colocada à prova. É dentro dos espaços populares, e com esperança de transformação que se constrói o saber popular.

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. Se o diálogo é o encontro dos homens para Ser Mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do meu quefazer já, não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso. (FREIRE, 2019, p. 47).

Para além da experiência docente que vamos nos ater nesse texto, é importante salientar o processo de transformação do olhar discente para a educação após passar por projetos como um PVP. São registrados, assim como no Cursinho Popular Leila Regina, do qual como coordenador pude vivenciar, e também em outros PVPs dos quais já participei, que os estudantes relatam que começaram a ter outra relação com a educação e com o processo de ensino-aprendizagem após participarem de projetos populares.

As premissas do tratamento da educação construída coletivamente são os ingredientes necessários para o nascimento dessa visão. Freire aponta esses princípios: respeitar os saberes dos educandos, realizar reflexão crítica sobre a prática, prática dialógica e compreensão da realidade. É um desafio árduo para os jovens voluntários dos PVPs brasileiros conciliarem essas práticas à preparação intensa para os vestibulares, ademais, também há a batalha de manter os professores e professoras em regime de voluntariado nesses projetos.²¹

Em contrapartida é a partir desses espaços que muitos dos futuros professores da educação básica brasileira têm seu primeiro contato com a sala de aula. Os PVPs então se tornam espaços de aprendizagem bilateral e constante: de um lado o estudante ansioso para aprender e do outro o educador ansioso para ensinar. O ambiente dos pré-vestibulares

²¹ FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia, Editora Paz e Terra, Coleção Saberes, 1996. 36ª edição. p. 54

populares é espaço rico para aqueles que buscam romper com a prática bancária de educação que muitas vezes os esperam.²²

1.2 Os professores na educação popular pré-vestibular

Os PVPs são espaços privilegiados para a formação inicial de futuros docentes. Enquanto educador popular, afirmo que a maior contribuição que esses espaços dão aos futuros professores é a busca por uma diversidade metodológica. Nem todos os voluntários dos PVPs são estudantes de licenciatura, o que provoca nos colaboradores dos projetos um encontro único de licenciados e não licenciados que buscam a construção de conteúdos comuns e que nesse processo orientam os trabalhos dentro da sala de aula de modo que é colocado como prioridade, para além dos títulos, o aprendizado do estudante. Nesse último caso, dos colaboradores não licenciados ou estudantes de licenciatura, não se espera que a participação no projeto resulte em uma formação docente efetiva, mas que possa se aproximar e também participar da construção coletiva de um movimento que vai além da educação.

Essa jornada inicial dos educadores em PVPs têm se tornado cada vez mais comum. Por exemplo, todas as universidades públicas do estado de São Paulo têm um ou mais cursinhos populares como projetos de extensão, dando oportunidade aos estudantes a aproximação com a docência e também os fazendo desenvolver e aprofundar seus conhecimentos docentes em uma dimensão política da docência: ensino para quem? ensino para o que?

É importante então pensar que os PVPs, do ponto de vista histórico e social nascem em contrapartida da ascensão dos cursinhos pré-vestibulares privados que nadam em grandes braçadas na educação bancária e na não discussão política da educação, tendo como único objetivo a aprovação nos vestibulares. Os PVPs então buscam se afastar dessas práticas para que, no sentido freiriano de educação popular, os educadores possam exercer de forma plena sua função social enquanto seres políticos e ideológicos.

²² COSTA, R. A. A Educação Popular em contexto pré-vestibular uma vez mais em debate: há alternativa. XVI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Santa Maria. 2015. p. 8

O fato de passar por um cursinho popular, desde que ele possua um projeto mais democrático, alarga a visão de mundo do professor. Mesmo que ele vá à universidade ou vá trabalhar em uma escola particular, ele vai com outra perspectiva. Ele já não vai com aquela visão bancária da educação. (WHITAKER, KATO, 2013, p. 10).

Os PVPs são centros que para além da busca pela democratização dos acessos ao ensino superior também contribuem para a formação docente dos futuros professores e professoras do país e que atuaram na linha de frente da educação básica dos próximos anos. Ultrapassar essa jornada de formação formal nas universidades aliada à atividade popular na participação desses projetos faz com que tenham uma compreensão dos diferentes aspectos políticos e pedagógicos da educação e também dos processos de engajamento político de popular na formação universitária brasileira.²³

Também é de extrema importância salientar que, de forma sutil, os PVPs são os espaços em que, por contato direto e informal entre educando-educador, não pela abordagem pedagógica mas pela concretização da prática de uma hierarquia horizontal em sala de aula, os estudantes, assim como este que escreve, têm a primeira faísca de desejo pela prática docente, que é ascendida não apenas nos estudantes, mas também nos educadores que muitas vezes, por motivos que não cabe aqui dissertar, não enxergavam o trabalho docente como transformador.

Em documento audiovisual registrado nos últimos meses de 2018 para construção de um artigo científico, os professores do Cursinho Popular Professora Leila Regina deram entrevistas discutindo suas práticas docentes e o significado dela para a sua formação como futuros professores ou não. Dos registros, de duas voluntárias, que não são professoras de História, mas compartilharam um movimento circular de auxílio que se segue no cursinho supracitado.

Ambas foram estudantes do cursinho popular sediado e gerenciado pelos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Ambas conseguiram aprovação em universidades públicas de São Paulo e após a aprovação buscaram projetos similares para poderem, em suas palavras, "retribuir o auxílio que recebi". Essa lógica comunitária perpassa

²³ VERRANGIA, D. Os cursos pré-vestibulares populares enquanto espaços educativos e de formação docente: algumas reflexões. Cadernos CIMEAC, v.3, n.2 2013. p. 10

as práticas dentro dos PVPs. Como exemplo, um estudante do ano de 2017 do Cursinho Popular Professora Leila Regina, após aprovação no curso de História voltou ao cursinho para auxiliar no que fosse preciso e atualmente exerce a função de professor.²⁴

Em suma, os professores e atuantes dos PVPs enxergam no projeto um terreno extremamente fértil para desenvolvimento profissional e social. Encontram na prática docente novos métodos de identificação e resolução de questões sociais e de engajamento dos estudantes, criando mecanismos de aprendizagem mútuos para agirem dentro e fora de sala de aula.

²⁴ CORREIA, B.. The impact of value-creating pedagogy applied to the concept of popular education. The Ikeda Library, Soka University of America, 2019. p. 6

2 Capítulo 2: O professor de História na educação popular

Para que possamos entender a influência da educação popular no ser professor de história na educação básica foi realizada a entrevista em áudio de dois professores do Cursinho Popular Professora Leila Regina, ambos recém-formados, um iniciou sua jornada no projeto antes de entrar na educação básica e o outro depois, esses eram os requisitos para participação da entrevista. A partir dos relatos dos dois profissionais, vamos poder entender um pouco como essas experiências agiram na formação docente deles e o valor disso para a sua trajetória.

A construção de uma identidade docente é um processo longo e contínuo que é alimentado por auto-avaliações, revisões e análises diversas. As estruturas nas quais o conhecimento e os saberes são constituídos sofrem alterações profundas em todo momento. Os saberes são plurais, constituídos no ambiente sociocultural e político de cada profissional. É um equilíbrio entre as características pessoais e a trajetória profissional e acadêmica que foram acumuladas ao longo da história de vida. ²⁵

O ser professor é um processo que perpassa inúmeras fases, como por exemplo a socialização primária até suas primeiras experiências enquanto estudante dos cursos de licenciatura.²⁶ Para utilização das entrevistas realizadas, daremos neste texto nomes fictícios aos entrevistados e instituições, que não a universidade, citadas. Solicitamos então que pudessem se apresentar e contar sobre a jornada até a docência.

2.1 Entrevista 1

Meu nome é Mariano. Atualmente eu sou professor de História em um colégio particular, formado em História Licenciatura na Universidade Federal de São Paulo

Eu tive minha infância, nasci e passei toda minha infância e adolescência em Campinas. Meus pais ainda moram por lá. Estudei sempre em escola pública, estadual, então meu ensino fundamental foi em uma escola chamada Sorriso Feliz e o Ensino Fundamental II

²⁵ IZA, V. F. D. Identidade Docente: As várias faces da constituição do ser professor. REVEDUC. v. 8, n.2 2014. p. 3

²⁶ ALVES, G. J. C.. Contribuições das histórias de vida para a formação e a construção da identidade docente, XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE. 2013. p. 8

e Ensino Médio foi no Vida Feliz. Lá eu tive muitos professores legais, professores que incentivaram a gente a outras formas de entrar no mercado profissional, mas também de se inserir no campo educacional, então os temas, por exemplo, dos vestibulares, eram recorrentes, inclusive por que no Vida Feliz, eu tive professores que se formaram em universidades públicas, então desde Unicamp, USP. Alguns professores que já tinham tido formação lá estavam dando aula no Vida Feliz. Então a proximidade foi muito legal, era uma escola que tentava trazer esses novos horizontes aos alunos que talvez não iriam ter se não fosse essas vias, professores terem esse diálogo com os alunos.

Minha formação familiar somos eu, meu pai, minha mãe, só que meus pais eram separados, então boa parte da minha infância eu só tive minha mãe muito presente, meu tio e meu avô, meu tio que é meu padrinho. Depois de um tempo meus pais se reconciliaram e veio minha irmã, ela é 10 anos mais nova que eu, todos eles moram em Campinas. Quando eu finalizei a escola eu prestei alguns vestibulares no geral, passei em alguns vestibulares, mas eu não tive dinheiro para ir para a universidade e eu também tinha passado no PROFIS da Unicamp, que era um curso de formação interdisciplinar que selecionava alunos da rede pública estadual para entrar na Unicamp sem que necessariamente fosse preciso passar pelo filtro do vestibular.

A gente fazia o Enem e a nota mais alta de cada escola podia passar no PROFIS pra fazer o curso de matérias interdisciplinares, era um curso bem básico mesmo, embora bastante complexo, que mobiliza diferentes disciplinas, diferentes áreas, e depois desses dois anos a gente era hierarquizado para escolher nossa graduação específica. Eu não me dei muito bem com o PROFIS, com a dinâmica e quando terminaram os dois anos que eu estava lá eu prestei o vestibular de novo e passei na UNIFESP. E foi quando eu entrei no curso de história, tinha 21 anos de idade, e vim morar aqui em Guarulhos.

Desde que eu entrei no curso de História eu gostei muito do curso, gostei dos professores, da dinâmica do curso, como os professores trabalhavam em sala de aula. Eu tive a sorte de, logo no primeiro ano, conseguir um espaço dentro da universidade no campo da pesquisa e da extensão, eu entrei no PET, que são projetos que são vinculados aos cursos de graduação. Eles trabalham tanto com a universidade quanto com o entorno, a comunidade da universidade.

Eu ganhava uma bolsa de 400 reais do PET e isso me demandava dedicação exclusiva, foi um momento de aperto financeiro mas como eu também recebia o auxílio do NAE, dava pra conseguir tocar as coisas. É um projeto incrível onde eu pude trabalhar no acervo do Centro de Memória e Pesquisa Histórica, fizemos uma série de exposições, abrimos para comunidade, quando tinha o projeto o “Dia Aberto”, que era quando os alunos de escolas públicas vinham pra UNIFESP visitar e conhecer a universidade. O PET também participava disso e foi um momento para tanto ter contato com a universidade, mas também com o entorno. Eu fiquei 2 anos no PET e quando saí comecei a prestar uma bolsa de pesquisa, consegui o PIBIC e depois a FAPESP, e me formei em 2020.

Nesse momento eu estou tentando conciliar uma bolsa do mestrado, mas com os cortes a bolsa está bem afetada. Então enquanto espero tudo isso melhorar, estou trabalhando em uma escola particular com Ensino Fundamental II. Fui conhecer educação popular só em 2018 quando entrei no Cursinho Popular Professora Leila Regina, foi meu primeiro contato com educação popular de forma mais prática. E no Leila Regina, minha primeira turma era com os estudantes mais jovens, saindo do Ensino Fundamental II, querendo prestar um curso técnico e foi uma experiência muito interessante. Quando peguei o pré-vestibular vi que eram públicos bem diferentes, o público do vestibular é mais velho, mais comprometido, mas também é um pessoal com outras demandas. Geralmente são mães de família, pessoas que já realizam outras atividades no cotidiano. Muitos estudantes de escolas públicas buscando esse primeiro contato, como eu fazia na minha época de estudante, me vi ali neles.

O projeto de levar educação popular é feito pelos professores e pela coordenação do Leila sempre com muita responsabilidade, trazendo sempre temas, que a gente aprende no estágio da faculdade, como trazer os temas do cotidiano para sala de aula de forma que mobilize, tentar ter empatia para mostrar que também já esteve ali, porque, no caso da história isso é essencial, ainda mais com o privilégio de ter tantos alunos diferentes, com saberes diferentes. É importante conseguir compreender isso, porque estamos trabalhando com recorte espacial e temporal que é muito distante da realidade que eles estão vivendo, então fazer essa transposição, entre presente e passado é muito importante, pra fazer os alunos se interessarem, ou minimamente participarem.

Uma dinâmica que eu já adotei no Leila: trazer sempre manchete de notícias, fizemos aquele projeto do mural das fotos com as turmas do vestibulinho, foi demais e eles super se

envolveram. E também, partir de elementos culturais que eles identificavam, trabalhar com senso comum, para que a gente fosse aprofundando esses conceitos de forma mais historicizada e agora que eu estou trabalhando na rede privada, as coisas são um pouco diferentes, são outros alunos, outra classe social, são alunos de classe média, são alunos que tem a ética do trabalho bastante enraizada, mas é algo que eles conseguem entender que vão conseguir as coisas a partir do próprio mérito, do próprio esforço.

Eles sonham grande, e isso às vezes é uma barreira que a gente encontra entre os alunos de escolas públicas. Como ele vai sonhar? Os alunos de escola pública, assim como os alunos do Leila, têm muita dificuldade de sonhar. E é uma coisa que a gente tenta levar pra sala de aula, “você pode sonhar”, “você pode sonhar”. Mas com os alunos da rede privada isso já é muito forte.

Como eu trabalho história e educação popular? Vamos trazer a dimensão da nossa sociedade e entender como a sociedade é constituída. Então dentro da história a gente tenta trazer esses elementos, recentemente a gente trabalhou o tema do fascismo, e eles vem pra sala de aula com senso comum, com confusões, com tudo, então, uma forma que eu tenho de trabalhar com eles é trazer notícias de jornal, que eles vão identificar, como: “eu já vi isso aqui”, “eu já tô antenado”, “então como vamos trabalhar isso?”.

Então essa prática é tentar trabalhar sempre com o que eles conhecem, o que eles já têm, para depois aprofundar. Achar uma forma de a gente conseguir despertar o interesse nos alunos e conseguir que eles se desenvolvam mais na aula. A educação popular quando estou na escola privada, acho que essa dimensão é um pouco limitada, não sei se limitada, é outra visão de mundo, por exemplo: como a gente consegue trabalhar a sua visão de mundo mas também, levar em consideração outras formas, outras visões de mundo, outras experiências de vida que estão aqui convivendo na nossa sociedade, a partir dessa pluralidade, isso é muito difícil, complicado, mas é uma coisa que eu sempre busco fazer, porque eu vim da escola pública, vim da realidade, onde o buraco é mais embaixo, sabe?

Então eu sinto que é uma necessidade trazer isso pra sala de aula. Complexificar, que o importante não é só passar no vestibular, não, não é só isso. Não é o quanto você é bom ou que você não é, se tirou nota boa ou não, ou se decorou ou não, mas sim se trata de pensar de forma crítica, olhar pra sociedade de forma crítica, olhar para o que acontece de forma crítica,

sem, por exemplo, deixar de levar em consideração, as opiniões particulares, eles vêm de vivências específicas, vivências familiares, são alunos que estão adentrando no campo de tentar ter uma opinião pessoal sobre os assuntos.

Trabalhando com os mais velhos, que têm 15 anos, eles estão começando agora a se posicionar sobre algumas coisas, então eles trazem essa bagagem da família. É muito difícil trabalhar de forma crítica, e também levar em consideração o quanto esses alunos têm de bagagem familiar e não deixar de considerar isso. Mas sempre reforçando o como você aprende e onde você busca as informações, e sempre afirmando, essa é sua visão de mundo, mas não é o todo, com isso que a gente consegue outras formas de entender a sociedade que a gente tá, enfim é difícil.

Existe a coletividade e existe o indivíduo, mas é sempre o campo que o professor está, principalmente o de história, ele tem que tá envolvido, engajado, ele tem que buscar despertar esse senso, sem necessariamente passar por cima da individualidade dos alunos, independentemente do campo que estamos, na educação popular, na escola pública, na escola particular, essa é a função do professor também

2.2 Entrevista 2

Meu nome é Felipe, sou professor de História, formado pela UNIFESP. Realizei todo o meu estudo no ensino público, desde a pré-escola à universidade. Na região de Itaim Paulista, minha organização familiar é composta por minha mãe e dois irmãos mais velhos. Durante a graduação tive o apoio da minha família no início e logo ingressei em alguns programas de pesquisa e monitoria que me deram condições para me manter na universidade.

Eu tive mais contato e acesso a informação sobre educação e cursinho popular quando já estava na universidade. Por realizar o curso de licenciatura em História me interessei em compor algum projeto que tivesse tal finalidade, de compartilhar e criar ambientes de valorização do estudo e promoção de transformações sociais em um coletivo, mas só fui de

fato ter experiência prática com educação popular no Leila, já tinha lido, mas não tinha vivenciado, a gente troca bastante entre nós professores do projeto, nos momentos de intervalo, almoço, busca entender o que estamos fazendo ali enquanto teoria também, junto com os alunos no refeitório sempre rola uma interação e esse tipo de reflexão, é bem interessante.

Lendo parece que é fácil, mas quando a gente vai para a sala e tem aqueles trinta e poucos rostos olhando pra você, esperando a gente fazer algo, fica difícil. A vida profissional na docência é um aprendizado a cada dia, a cada turma, a cada pessoa a que estamos em constante troca. Então no cotidiano sempre procuro trabalhar a “máxima” de partir dos conhecimentos e interesses dos estudantes para administrar as competências e conteúdos. E no Leila pude experimentar mais isso do que na escola, aonde cheguei um pouco cru e não temos muito tempo para refletir ou pensar, é tudo muito rápido.

A história nos permite trabalhar dessa forma, assim como o conceito de educação popular, partindo do presente e do cotidiano para o passado e retornando ao presente iluminado, possibilitando um espaço de reflexão do cotidiano. E aí, juntando meu gosto de trabalhar com patrimônio, era super legal levar a garotada para conhecer o bairro, as edificações históricas, fazer eles conhecerem a própria história, de onde vivem. Essas visitas foram importantes.

Procuro lembrar a minha experiência como aluno para refletir sobre a minha atuação. Busco, na lembrança, até mesmo meus professores favoritos, pensando: “como eles faziam?” De toda a teoria, a prática vai nos dando a cada dia mais material e segurança para trabalhar e aplicar métodos na famosa tentativa e erro. No meu caso, procuro sempre conhecer os alunos os seus interesses para auxiliá-los em seus objetivos, tentando tornar a sala de aula num espaço coletivo de aprendizado. E no Leila é incrível como a gente se conecta e consegue fazer com que os alunos se sintam parte daquilo, fazendo junto com a gente, descobrindo junto, é muito bom, é um dos presentes da educação popular.

Pensando no cursinho, uma das coisas que eu levo é a atenção maior aos alunos, principalmente do nono ano e Ensino Médio, que são as séries finais, falando cada vez mais das oportunidades que eles têm, de cursos técnicos, cursinhos populares e opções de universidades pro futuro. Eu vejo que assim como eu não tive muita informação sobre essas

coisas, eles raramente possuem esse tipo de conversa e atenção. É importante que eles se sintam importantes, que eles entendam que têm valor social, inteligência e autoestima.

2.3 Identidade popular

O entrevistado 1 foi estudante da rede pública estadual de São Paulo durante toda a jornada na educação básica na cidade de Campinas; relata ter contato com “muitos professores legais, professores que incentivaram a gente a buscar outras formas também de se inserir dentro do mercado profissional mas incentivaram também a formação educacional”; aponta que na escola em que cursou o Ensino Fundamental II e Ensino Médio haviam muitos professores que eram formados em universidades públicas de São Paulo e que levavam para a escola abordagens e experiências do ensino superior, o que trazia para os estudantes uma janela para observar o que poderia estar à frente. Além dos incentivos da escola, o entrevistado contava com o grande apoio da família para seguir seus sonhos. Conta não ter tido problemas com a decisão profissional que viria tomar.

Deste modo, por viver em uma cidade que é sede de uma das maiores universidades da América Latina, o entrevistado número um teve em sua vida contato direto com os acessos ao ensino superior. Após o término do ensino médio ingressou em um programa da Unicamp que trabalhava com jovens recém-formados para que fossem futuramente alunos da universidade. Não adaptado ao programa do curso, em 2016, aos 21 anos, ingressou na universidade onde iria cursar a licenciatura em História na Universidade Federal de São Paulo. Ao chegar ao curso diz ter se identificado bastante e tido sinergia com os professores do departamento. Em 2018 foi quando teve o primeiro contato com a educação popular compondo o corpo docente do Cursinho Popular Professora Leila Regina. Ali, teve sua primeira experiência docente, pôde exercitar aquilo que lhe foi ensinado na universidade.

Quando questionado sobre conhecimentos prévios acerca da educação popular, o entrevistado diz ter ouvido falar nos primeiros semestre da universidade mas que apenas entendia como uma teoria, não prática. Foi compreender de fato o que era educação popular em sala de aula, já no cursinho. Durante alguns intervalos entre aulas foi incentivado a ler as obras de Paulo Freire para compreender melhor o contexto onde estava inserido.

Aqui há o primeiro encontro entre o entrevistado e os estudantes. Como já foi dito nesse texto, os estudantes de cursinhos populares obedecem uma série de requisitos como, por exemplo, estudar em escolas públicas. É claro então e é ressaltado pelo entrevistado que ao se dirigir aos estudantes do cursinho sentiu grande empatia pelo processo que estava acontecendo ali. Em suas palavras “me vi ali com a mesma idade e tendo contato com um profissional de uma universidade pública”. Claro que esses saberes foram levados à sala de aula do cursinho; os saberes não são apenas aqueles apreendidos na universidade, os saberes são constituídos de vários momentos da história pessoal e profissional do professor.

Sobre a prática em sala, o primeiro entrevista diz não ter tido muita teoria. Buscou sempre se conectar de forma sincera com os estudantes e busca mostrar a eles que um dia ele também já passou por essa jornada na educação. Portanto, sua trajetória enquanto estudante de escola pública e de universidade pública é decisiva para a sua prática, é a partir dessa identidade que o saber de natureza experiencial nasce.²⁷ A experiência de ensinar e de ser docente não é uma aglutinação de acontecimentos que se sobrepõe como um jogo de blocos. É um modo de ser, uma opção de vida. Faz-se professor à medida que exercemos a profissão.²⁸

O segundo entrevistado também estudou durante toda sua jornada na educação básica em escolas do sistema público de educação. Ao contrário do primeiro entrevistado, não teve contato com o ensino superior enquanto estudante do ensino fundamental ou médio. Reside e estudou no Itaim Paulista, Zona Leste de São Paulo, um dos bairros em que o Cursinho Popular Professora Leila Regina atua e hoje é professor voluntário de História.

Ao escolher o curso de História e ser aprovado também na Unifesp, foi apoiado pela família e também se dedicou a programas de pesquisas e monitorias. Esses programas eram financiados por uma bolsa que o permitiu manter-se na universidade e nutrir também um carinho pela área de patrimônio. Sobre o contato com educação popular, conta que conheceu já na universidade. “Tive mais acesso a informação sobre educação e cursinhos populares quando estava na universidade. Por fazer o curso de licenciatura em História me interessei em compor um projeto que tivesse essa finalidade”.

²⁷ TARDIF, M. . Saberes docentes e formação profissional. Tradução de Francisco Pereira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 12

²⁸ LARROSA, J. Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas. 4.ed. trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17

O segundo entrevistado, ao contrário do primeiro, já havia tido contato com educação popular em teoria, ao ler os livros de Paulo Freire e conta que sempre achou desafiador colocar em prática os conceitos apresentados pelo autor. “Lendo parece algo fácil, mas quando entramos em sala e tem 30 rostos te olhando e esperando você fazer alguma coisa, é outra coisa”.

Em seu primeiro contato com a educação popular fora da universidade, pôde dividir suas experiências e entendeu que as oportunidades que teve poderiam ser passadas para os estudantes, uma vez que, em um local de transformação, enquanto professor, poderia proporcionar aos estudantes informações que não recebeu quando estava no mesmo período escolar. Nosso segundo professor entrevistado iniciou os passos na educação em uma escola pública poucos meses antes de iniciar sua trajetória na educação popular, e viu na educação popular uma porta para poder se desenvolver sem os inúmeros percalços que enfrentava diariamente na escola. Além de conseguir de alguma forma, levar a experiência do ensino superior aos estudantes secundaristas ou já formados no ensino médio, sem que sentisse que de alguma forma estava utilizando o tempo de aula sem de fato “dar aula”.

A formação docente é campo de inúmeros estudos, é sabido que as práticas e métodos adotados pelos professores e professoras são frutos de diversas experiências ao longo de sua trajetória profissional. A construção da formação docente demanda investigação, como se educaram, como educam, como agem em sociedade e a visão de mundo que carregam, a história de vida é fundamental para compreendermos as resoluções e ações dos educadores.²⁹

O processo de formação inicial de professores e seu trabalho cotidiano não permitem espaços de reflexão frequentes que possam visar mudanças ou superações em relação à sua prática. Somado à quantidade de cursos oferecidos que objetivam uma formação rápida voltada a atender as demandas do mercado, a não atenção no preparo dos professores para lidarem com a realidade e necessidades da sociedade podem entregar para a educação brasileira profissionais que não possuem iniciativa de auto crítica e construção.³⁰

²⁹ ALVES, G. J. C.. Contribuições das histórias de vida para a formação e a construção da identidade docente, XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE. 2013. p. 9

³⁰ IZA, V. F. D. Identidade Docente: As várias faces da constituição do ser professor. REVEDUC. v. 8, n.2 2014. p. 13

A porta para a primeira experiência e contato com esse espaço de reflexão muitas vezes são os projetos de educação popular voltados ao preparo pré-vestibular. Como relatou o primeiro entrevistado, a sala dos professores na educação popular é um momento de grande aprendizado; profissionais das mais diversas áreas conseguem juntos discutir melhores práticas, expor suas ideias e juntos constroem métodos para alcançar os estudantes sem o ambiente de trabalho que uma escola ou um cursinho privado teria.

Nosso segundo entrevistado trouxe o ambiente do almoço como um gerador de reflexões. No Cursinho Popular Professora Leila Regina os estudantes e docentes ficam o dia inteiro de sábado no prédio de aulas e muitas vezes almoçam juntos. Esse espaço é, para o nosso segundo entrevistado, um dos momentos em que ele percebe que, ainda que informalmente, consegue refletir sobre sua prática docente, conversar com os estudantes de forma franca e fazer com que os eles sintam-se parte do processo da aula, agentes ativos da construção da aula, em suas palavras.

O estudante de cursinho popular é plural. É possível encontrarmos estudantes de escolas técnicas, escolas públicas, escolas particulares (com bolsa 100%), assim como podemos encontrar estudantes que estão há 5, 10 ou 15 anos fora da educação básica e que desejam entrar em uma universidade para mudarem de emprego ou realizarem um sonho. Essa pluralidade é essencial para a construção do trabalho docente.

Nosso primeiro entrevistado diz que essa pluralidade é um motor para que o processo da docência consiga atingir a todos. É um caminho árduo, mas esse esforço de reconhecer que uma sala de aula é de forma explícita um ambiente heterogêneo não é comum. E ter essa experiência dentro de um projeto que incentiva os estudantes a fazerem parte da aula, sentirem que fazem parte do projeto é uma oportunidade imensa.

Assim, é dado ao docente diversas ferramentas para analisar os contextos que formam aquela sala de aula e como podem, enquanto educadores, trazer conteúdos que realmente façam sentido aos estudantes visando os objetivos de um projeto de educação popular que visa ir além da prova do vestibular. Foi pensando nisso que os dois professores entrevistados, durante o ano letivo de 2019 dentro do cursinho realizaram atividades extracurriculares para que os estudantes pudessem conhecer o bairro onde vivem.

Por meio de agendamento, os estudantes puderam conhecer a Capela de São Miguel Arcanjo, um dos prédios mais antigos do Estado de São Paulo e que está no coração do bairro onde o cursinho funciona. Essa visita técnica contou com a presença de diversos alunos, professores e também foi conduzida a outros espaços do bairro, como ruas, pequenos bosques, praças e parques que contam a história das pessoas que vivem ali. Essa experiência de pertencimento histórico e geográfico trouxe, segundo os professores, um orgulho e aumento da auto estima dos estudantes enquanto moradores do bairro e enquanto parte de uma nova perspectiva histórica.

Este é um exemplo de como as atividades que permeiam a prática do professor de história na educação popular podem ser importantes para o desenvolvimento dos estudantes para além do resultado dos vestibulares. Outra atividade que teve enorme significado para os professores de história foi a construção de um mural com fotos dos estudantes de diferentes épocas de sua vida.

A partir desses registros, puderem desenvolver uma linha do tempo, compreender noções como temporalidade, fontes históricas, história das fotos e perceberem que ainda enquanto estudantes e pessoas de pouca idade, assim como qualquer outro cidadão, eles tinham uma participação social e histórica significativa. Esse sentimento de pertencimento ao projeto e ao processo de aprendizagem é algo extremamente único que é facilmente encontrado em projetos de educação popular como o Cursinho Popular Professora Leila Regina.

São essas práticas, reflexões e ações que os professores de História dos PVP's, especificamente do Leila Regina, levam para a educação básica. A importância de conhecer a comunidade onde vive, de conhecer sua essência social, sua temporalidade, seu local de ação. São ferramentas e noções que fazem com que a auto estima do estudante permaneça alta e que ele enquanto cidadão consiga compreender seu ilimitado potencial enquanto Ser Mais.³¹

³¹ FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. Editora Paz e Terra. Edição 69, 2019. p. 47

2.4 Práticas na educação básica, o legado popular

Ambos os entrevistados hoje atuam também na educação básica. O primeiro entrevistado, no entanto, é docente em uma escola particular, ao passo que o segundo em uma escola pública do Estado de São Paulo, onde iniciou a docência pouco antes de entrar no cursinho.

Nosso primeiro entrevistado diz que algumas práticas da educação popular são bastante difíceis de serem aplicadas na rede particular de ensino, mas que com bastante cautela consegue fazer com que os alunos reflitam sobre assuntos importantes que muitas vezes são negligenciados pelos estudantes.

Por terem uma realidade com alguns privilégios, o entrevistado relata que os estudantes muitas vezes sentem uma pressão muito grande em relação à entrada no ensino superior, e enxergam como uma obrigação a aprovação, visto o investimento realizado pelos responsáveis em uma educação de qualidade. O professor entrevistado então salienta a importância da construção de um discurso que mostre ao estudante que a formação acadêmica dele na educação básica tem como objetivo algo muito maior que apenas o vestibular, mas também a sua formação enquanto cidadão e transformador da sociedade de forma crítica.

Por ter tido contato tanto com estudantes com inúmeras dificuldades e vulnerabilidades sociais no cursinho e agora estar em um ambiente extremamente diferente com estudantes que têm outra realidade social e econômica, o nosso primeiro entrevistado garante que por meio das suas aulas, mostra aos estudantes de forma sutil como eles podem, a partir do local de fala e privilégio que possuem, transformar a sociedade e garantir que jovens como eles possam também ter as oportunidades que eles têm. Para que, quando estiverem em posição de auxílio, lembrem de utilizarem esse direito, mascarado de privilégio, para ajudar àqueles que não puderam usufruir de uma educação de qualidade. E assim, mesmo que não inseridos em um ambiente de educação popular, possam enxergar o ciclo de solidariedade e contribuição que deve existir.

Nosso segundo entrevistado diz que só após as primeiras aulas na educação popular que começou a refletir suas práticas e entender que dentro do currículo de história e enquanto

professor de História era necessário sim que ele pudesse compreender a história de vida de cada aluno e assim, de forma delicada, conseguir exercer sua profissão a partir dos conhecimentos, experiências e vida dos estudantes, aproximando-os da prática docente.

A experiência na educação popular mostrou ao nosso segundo entrevistado a importância de valorizar a trajetória de vida dos estudantes dentro e fora da escola. E de que forma, enquanto professor de História, mas também enquanto cidadão que exerce a função de educador, ele poderia de forma efetiva transformar a realidade dos estudantes através das suas práticas.

Práticas que, apesar de singelas, puderam e podem transformar realidades. Como relatado pelo primeiro entrevistado, ter tido contato com professores que frequentaram universidades públicas e falavam abertamente sobre universidade e os desafios de acesso, pôde desde cedo acalentar o desejo de também se desafiar a estar nesses espaços. E a partir dos incentivos dos professores, teve coragem suficiente de enfrentá-los. Essa autoestima, esse vislumbre da possibilidade de Ser Mais, é extremamente valioso para o processo de aprendizagem, tanto para o estudante quanto para o docente.³²

Expandir horizontes, conseguir extrair dos estudantes capítulos importantes de suas vidas e assim buscar resgatar esses momentos por meio das práticas em sala de aula. O currículo tratado em sala passa pelas mãos de inúmeros agentes, desde o Estado até chegar às mãos dos professores e a visão de educação popular dentro da educação básica pode transformar os conhecimentos já adquiridos por esse jovens ao longo de suas vidas em lenha para a construção de um processo de ensino-aprendizagem que valorize tanto o conhecimento dos docentes e suas história de vida, quanto a trajetória do estudante e sua história de vida. E é papel do professor administrar esse currículo real.³³

³² FREITAS, A. L. C. e FREITAS, L. A. A. A vocação ontológica do Ser Mais: situações-limites - aproximando freire e vieira pinto. XII Congresso Nacional de Educação. Educere. 2015. p. 8

³³ BITTENCOURT, C. Ensino de História: fundamentos e métodos. São Paulo. 2ª Edição, 2008. p. 50

Considerações finais

A educação popular ganhou importância exponencial nos últimos dez anos, o crescimento dos acessos ao ensino superior a partir de políticas públicas como SiSu, ProUni e FIES desenvolvidas nos governos Lula (2003-2010), fizeram com que mais jovens brasileiros pudessem alcançar a universidade. Ainda assim, as vagas das universidades públicas brasileiras representam uma quantidade pequena comparado ao número de candidatos. A corrida para conquistar essas vagas é extremamente desleal. Os estudantes de escolas privadas se preparam de forma exclusiva e com o máximo de recursos possíveis, enquanto os jovens estudantes de escolas públicas sofrem com a ausência de professores e equipamentos em suas unidades escolares, além de atividades como um trabalho para auxiliar a família. Em um país em que as oportunidades são poucas, o movimento de cursinhos populares se tornam essenciais para mostrar que a universidade e a educação são para todos e todas.

Desde os anos 1980, projetos que bebem das teorias de educação popular procuram minimizar esses impactos levando ensino e esperança a esses jovens. É a partir dessas experiências que os movimentos de cursinhos populares no Brasil e principalmente do Estado de São Paulo cresceram e buscam atingir tanto estudantes quanto professores que se propuserem a fazer parte do movimento. Inúmeras universidades têm cursinhos populares como atividades de extensão e fazem deles palco para as primeiras experiências docentes de seus estudantes.

Praticar a história em sala de aula é tarefa árdua para professores de primeira viagem e a experiência popular muitas vezes é o pára-quadras que os futuros professores possuem para poderem praticar, refletirem e visualizarem sua função enquanto professor e cidadão. Ser professor de História é um exercício diário de educação popular. A todo o momento estamos nos conectando com histórias reais, buscando entender a partir do presente, da história que temos, a história que foi ou será.

O ofício do professor de história é, então, popular. Busca a partir do presente, da realidade e da concretude, desbravar conhecimentos, conhecer pessoas, compreender ações e

então fazer entender, olhar o passado, a partir do presente, nossas ações futuras, incentivando a investigação, a escuta e a valorização da história de vida e conhecimentos de cada indivíduo.

REFERÊNCIAS

ALVES, G. J. C. *Contribuições das histórias de vida para a formação e a construção da identidade docente.* XI Congresso Nacional de Educação, EDUCERE. 2013

BITTENCOURT, C. *Ensino de História: fundamentos e métodos.* São Paulo. 2ª Edição, 2008.

BRANDÃO, C. R. (1986). *Educação Popular.* 3ª ed. SP, Brasiliense.

CORREIA, B. *The impact of value-creating pedagogy applied to the concept of popular education.* The Ikeda Library, Soka University of America, 2019.

COSTA, R. Alan. *A Educação Popular em contexto pré-vestibular uma vez mais em debate: há alternativa.* XVI Fórum de Estudos: Leituras de Paulo Freire. Santa Maria. 2015.

D'ALESSIO, M. M. *Memória e Historiografia: limites e possibilidades de uma aproximação.* II Encontro Regional Sul de História Oral. São Leopoldo/RS. maio, 2001.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia,* Editora Paz e Terra, Coleção Saberes, 1996. 36ª edição.

_____. *Pedagogia do Oprimido.* Editora Paz e Terra. Edição 69, 2019.

FREITAS, A. L. C. e FREITAS, L. A. A. *A vocação ontológica do Ser Mais: situações-limites - aproximando freire e vieira pinto.* XII Congresso Nacional de Educação. Educere. 2015.

GADOTTI, M. *Educação Popular, Educação Social, Educação Comunitária: Conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum.* Revista Dialogos: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico. Brasília, v. 18, n.1, dez, 2021.

GADOTTI, M. *Preparacion de la vi conferencia mundial de icea: educação popular comunitária: Notas para um debate.* 1991.

Governo do Estado de São Paulo. *Ex-aluno da Etec Zona Leste abre cursinho pré-vestibular gratuito.* Disponível em: www.saopaulo.sp.gov.br/sala-de-imprensa/release/ex-aluno-da-etec-zona-leste-abre-cursinho-pre-vestibular-gratuito/, 2017

GUSMÃO, E. M. *Memórias de quem ensina História.* Editora UNESP. São Paulo, 2004.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. *Resumo Técnico, resultado do índice de desenvolvimento da educação básica.* 2017.

IZA, V. F. D. *Identidade Docente: As várias faces da constituição do ser professor.* REVEDUC. v. 8, n.2 2014

LARROSA, J. *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. 4.ed. trad. Alfredo Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MEIHY, J. C. S. B. *(Re) Introduzindo a história oral no Brasil*. São Paulo. Xamã, 1996.

_____, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. 5ª ed.SP: Loyola, 2005.

PEREIRA, D. F. F., PEREIRA, E. T. *Revisitando a História da Educação Popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível*. Revista HISTEDBR On Line. Campinas. dez, 2010.

Prefeitura de São Paulo. *Dados demográficos dos distritos pertencentes às Prefeituras Regionais*. Disponível em:

https://prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758, 2017.

ROCHA, D. *Paulo Freire é declarado o patrono da educação brasileira*. MEC. 2020.

SAMPAIO, H. *Ensino superior no Brasil – o setor privado*. São Paulo: Fapesp/Hucitec. 2000.

_____, H. *Setor privado no ensino superior no Brasil: o que mudou no século XXI*. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 35º Encontro Annual da ANPOCS, Caxambu/MG. 2011

TARDIF, M. *Saberes docentes e formação profissional*. Tradução de Francisco Pereira. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

VERRANGIA, D. *Os cursos pré-vestibulares populares enquanto espaços educativos e de formação docente: algumas reflexões*. Cadernos CIMEAC, v.3, n.2 2013

WHITAKER, D. KATO, S. D. *Educação, sociologia e cursinhos populares: Entrevista com Dulce Whitaker*. Cadernos CIMEAC. v. 3, n. 1. Ribeirão Preto - SP. 2013.

ZAGO, N. *Perspectiva*. UFSC. 2008

ANEXO

Roteiro de perguntas

1. Qual seu nome?
2. Me conte um pouco sobre sua formação acadêmica e jornada até a universidade.
3. Como é sua formação familiar?
4. Você teve contato com educação popular antes do Cursinho Popular Professora Leila Regina?
5. De que forma você põe em prática a relação aluno-professor?
6. Como você leva a educação popular para a prática na educação básica?